

Escola, Orkut e juventude conectados: falar, exhibir, espionar e disciplinar

Shirlei Rezende Sales e Marlucey Alves Paraiso***

Resumo: Este artigo analisa as subjetividades juvenis demandadas pelo discurso de algumas comunidades do Orkut (*site* de relacionamentos) que tratam da escola. Trabalha com conceitos dos Estudos Culturais como cultura juvenil; dos estudos de Michel Foucault como poder disciplinar, subjetivação; e do pós-panoptismo e sinoptismo. A participação em comunidades do Orkut é aqui compreendida como uma estratégia que leva a juventude a escrever sobre si. Por um lado, a maquinaria do Orkut funciona como uma espécie de dispositivo panóptico, por meio do acionamento de técnicas de visibilização e disciplinamento da juventude. Por outro lado, lança mão das relações de poder pós-panópticas no processo de produção das subjetividades. O argumento desenvolvido é de que os discursos das comunidades são heterogêneos e as relações de poder estabelecidas demandam certas subjetividades e produzem efeitos de verdade que atuam no sentido de divulgar a escolarização como vinculada à garantia de um futuro de sucesso.

Palavras-chave: juventude; escola; Orkut; subjetivação; disciplinamento.

School, Orkut, and youth-connected:
speaking, showing, spying, and disciplining

Abstract: This article analyzes the youth subjectivities demanded for the discourse of some Orkut communities related to school. It brings an analysis of Cultural Studies concepts, such as youth culture, and concepts from Michel Foucault's studies, such as disciplinary power, subjectivation, pos-panopticon and sinoptism. The participation in Orkut communities here is understood as a strategy that leads youngsters to write about themselves. For one hand, the Orkut machinery works as a sort of panoptical device, through the activation of youth visualization and disciplinary techniques. On the other hand, Orkut uses the post-panoptical power relationships in the process of subjectivity production. The developed argument is that the communities' discourses are heterogeneous and the power relationships established take certain subjectivities and produce some truth effects that end up legitimizing education as related to the guarantee of successful future life.

Key words: youth; school; Orkut; subjectivation; discipline.

* Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Currículos e Culturas (GECC) da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FaE/UFMG), Brasil. shirlei.sales@terra.com.br

** Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação, Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Currículos e Culturas (GECC) da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FaE/UFMG) e Pesquisadora do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Brasil. mparaiso@fae.ufmg.br

Apresentação

A escola consiste em uma instituição que recebe em seu interior cotidianamente uma multiplicidade de jovens de diferentes etnias, classes sociais, idades, gênero e culturas, que frequentam suas aulas, experimentam suas didáticas e vivenciam seus currículos. Ela continua sendo obrigação para algumas/alguns jovens e esperança para muitas/os outras/os. Mesmo que a escola desenvolva currículos que, muitas vezes, estão completamente distanciados da vida dessas/es jovens, elas/es estão ali fazendo conexões com o que veem e aprendem em diferentes artefatos que conhecem, usam e experimentam. De todo modo, a escola continua formando uma juventude inteira, muitas vezes disputando espaço e autoridade com outras instituições e artefatos que têm priorizado esse público, para endereçar-lhe determinados discursos¹.

A juventude, de acordo com os estudos sociológicos, abarca a parcela da população compreendida na faixa entre 15 e 24 anos, prevendo alguma extensão desses limites em certos casos (cf. Sposito, 2002). Se, por um lado, tal premissa pode ser prontamente problematizada, pois prevê uma determinação natural, dada pelo estágio biológico de caráter universal, por outro lado impõe-se como recorte definidor de que grupo determinada pesquisa está tratando (ibidem). Um outro aspecto de distinção desse grupo busca definir a juventude do ponto de vista de suas produções e vivências culturais, mais especificamente denominadas culturas juvenis. A cultura, nessa perspectiva, atua como forma de aglutinar os grupos, em torno de elementos culturais específicos como a música, o estilo de vestir-se, o modo de comunicar-se e portar-se, entre outros (cf. Dayrell, 2003; Garbin, 2003). Neste trabalho, consideramos tanto a idade quanto a cultura, para a análise da juventude.

Muitas/os dessas/es jovens que frequentam a escola têm se mostrado bastante “antenadas/os” em relação às novidades tecnológicas. Essa juventude, considerada “alienígena” (Green; Bigum, 2003), “*monstruosa*”, “*demoníaca*”, para algumas/alguns, é também uma juventude “atualizada”, “ligada” e “conectada”. Está imersa na paisagem pós-moderna, com todo aparato tecnológico do ciberespaço, fazendo *links*, produzindo *hiperlinks* e compondo a si mesma e a seus pares. A juventude na contemporaneidade é vivida em termos de sua estreita relação com a cibercultura. A cibercultura específica “o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de

1. Discursos são aqui compreendidos como “práticas que formam sistematicamente os objetos de que falamos” (Foucault, 2005a, p. 55). Os discursos, nessa perspectiva, não apenas descrevem ou nomeiam os objetos. Ao contrário, ao descrever os objetos de determinado modo, os discursos os produzem.

modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (Lévy, 1999, p. 17).

A cibercultura instaura ainda outras formas de relação social em que as comunidades virtuais são a grande novidade. Se pensarmos que as comunidades são agrupamentos de pessoas em interação social, nas comunidades virtuais as relações são estabelecidas sem um espaço físico delimitado, são desterritorializadas (Cintra, 2003). As relações são mediadas pelos computadores, com seus mecanismos e tecnologias de conectividade, e as conexões estabelecidas vão compondo o espaço virtual, o ciberespaço (ibidem). Cabe destacar que aqui o “virtual não é o oposto do real. É aquilo que não está presente na sua materialidade, mas que tem uma existência concreta. É uma faceta do real” (Saraiva, 2006, p. 27). Portanto, a cibercultura coloca importantes desafios para a compreensão da sociedade contemporânea.

No universo de comunidades virtuais, o Orkut destaca-se no Brasil, já que o *site* é atualmente o segundo endereço eletrônico mais acessado no País, perdendo apenas para o *site* de buscas Google – o qual lidera também o *ranking* mundial de acessos – segundo informações constantes do *site* Alexa², que mapeia os acessos da Internet no mundo. Além disso, as/os brasileiras/os constituem cerca de 50% de todas/os usuárias/os do Orkut³. São as/os jovens que dominam o *site* de relacionamentos; afinal, cerca de 70% das/os orkuteiras/os têm menos de 30 anos⁴.

Este artigo analisa as relações de poder engendradas pelo discurso de algumas comunidades do Orkut que tratam da escola, bem como os modelos de conduta juvenis divulgados nesse discurso. São discutidas as técnicas e os procedimentos acionados no processo de subjetivação da juventude conectada. Para este artigo, foram pesquisadas as comunidades com maior número de participantes localizadas pelo Orkut, por meio das palavras-chave: “odeio estudar” e “amo estudar”. A primeira comunidade encontrada é “Eu odeio estudar”, com 206.263 membros⁵. No polo oposto, a comunidade “Eu amo estudar”, contabiliza 12.753 participantes⁶. O argumento desenvolvido é de que os discursos das comunidades são heterogêneos, e as relações de poder estabelecidas demandam certas subjetividades e produzem efeitos de verdade que atuam no sentido de divulgar a escolarização como vinculada à garantia de um futuro de sucesso. O artigo faz uso de conceitos retirados do campo dos

2. Disponível em: <<http://www.alex.com/topsites/countries/BR>>. Acesso em: 11 jul. 2009.

3. Disponível em: <<http://www.orkut.com>>. Acesso em: 11 jul. 2009.

4. Ibidem.

5. Disponível em <<http://www.orkut.com>>. Acesso em: 28 fev. 2007.

6. Ibidem.

Estudos Culturais, como cultura juvenil; dos estudos de Michel Foucault, como poder disciplinar, subjetivação; e do pós-panoptismo e sinoptismo.

Orkut: maquinaria de disciplinamento, de controle, de encontro e de fuga da juventude conectada

O Orkut foi criado em janeiro de 2004, nos Estados Unidos, por Orkut Buyukkokten, engenheiro do Google (*site* de buscas muito utilizado mundialmente) e, em abril do ano seguinte, ganhou a versão brasileira, em português. Para fazer parte do *site*, é preciso construir um perfil, o qual é uma espécie de página individual de cada usuária/o, que traz uma série de informações pessoais⁷, em que cada um/a é localizado, examinado e distribuído entre os participantes. Isso se dá por meio de uma escrita permanente em que cada gosto, preferência e expectativa é anotado. A ideia é registrar tudo, de modo a relacionar cada indivíduo a outros, dentro de uma vigilância generalizada dos comportamentos detalhadamente descritos e rigorosamente anotados. No perfil, um tipo específico de poder circula, de modo a tornar visíveis as condutas das/os usuárias/os. Um tipo de poder que divide os indivíduos, distribuindo-os dentro de categorias e classificações especificadas, com vistas a regular os comportamentos. Um tipo de poder que age sobre as ações: o poder disciplinar (Foucault, 2005b). Disciplinamento que se articula a resistência, fuga e escape, em uma heterogeneidade constitutiva do Orkut, em que diferentes modelos de comportamento entram em disputa e confronto no processo de subjetivação da juventude.

Além das *descrições de si*, por meio das informações pessoais, pode-se participar de certas comunidades, as quais ficam expostas no perfil de cada usuária/o. As comunidades funcionam como uma marca da subjetividade, algo com o que a/o orkuteira/o declara identificar-se, ou não (cf. Saraiva, 2006; Silveira, 2006). As comunidades são extremamente diversificadas. Muitas delas, no entanto, organizam-se em torno de dois eixos de identificação: amar ou odiar. Nesse tipo de comunidade, *ama-se* ou *odeia-se* determinado assunto, aspecto,

7. Ao preencher os tópicos constantes do *perfil*, por exemplo, a/o usuária/o pode autodescrever-se em três categorias: social, profissional e pessoal. O perfil social ou geral é aquele que aparece quando a página de determinada pessoa é acessada e traz características como idade, gostos, livros preferidos, programas de TV, filmes, entre outras coisas. O perfil profissional traz dados relativos a profissão, escolaridade e carreira, em uma espécie de *curriculum vitae*. O perfil pessoal, como o próprio nome diz, traz uma série de informações pessoais, como características físicas e de personalidade. Apresenta ainda informações sobre o tipo de pessoa com quem gostaria de relacionar-se ou até mesmo namorar/casar.

8. Tópicos são temas a serem debatidos nos fóruns das comunidades.

peessoa, local, música, instituição, esporte, comida, etc. Essa participação pode ser mais ativa (o que inclui debater ou até mesmo criar os *tópicos*⁸ propostos nos *fóruns*⁹ da comunidade e também divulgar eventos relacionados ao tema) ou pode consistir em apenas adicionar a comunidade escolhida ao perfil, como é feito na maior parte dos casos. De um modo ou de outro, adicionar uma comunidade significa registrar as práticas, as características, os modos de ser, de fazer e de viver com os quais a/o usuária/o se identifica. Essas práticas, obviamente, não se encontram exclusivamente nas comunidades do Orkut. Ao contrário, elas circulam em inúmeros outros locais e relacionam-se com o que é dito em outros espaços e tempos, em outras instituições como a família, a igreja e a escola.

O agrupamento das/os orkuteiras/os em comunidades parece formar uma “rede de alianças”¹⁰ flexível e instável e acaba configurando o universo Orkut como um espaço em “perpétuo desequilíbrio, em vez de círculo fechado de troca” (Deleuze, 1988, p. 45). Desequilíbrio advindo também das constantes mudanças ocorridas nos debates dos fóruns. Ora as/os participantes aliam-se em defesa de um tema, ora reagrupam-se para opor-se a outro, em um movimento permanente, incerto e instável. As comunidades não fixam formas permanentes de práticas ou comportamentos, há uma flexibilidade nas propostas, nas trocas e nos argumentos. As comunidades são compostas por uma “plasticidade subjetiva” (Pelbart, 2000, p. 14) decorrente de toda sua heterogeneidade e hibridação, o que resulta em uma série de “novos perigos, mas também novas potências” (ibidem, p. 16) para a juventude conectada.

A participação em comunidades, juntamente com as informações gerais do perfil, proporcionam uma visibilidade intensa dos indivíduos. São exibidos detalhes minuciosos a respeito de cada um/a. As informações pensadas, analisadas e criadas por cada usuária/o são exibidas a toda/o internauta. As/os orkuteiras/os são expostas/os a uma visualização permanente, a uma fiscalização intensa, a um julgamento constante de seus gostos, opiniões, hábitos e atitudes gerais. Se levarmos em conta que o número de pessoas que acessa a Internet cresce intensamente a cada dia, podemos perceber a penetração em larga escala do poder disciplinar, via Orkut. O olhar vigilante está alerta e em toda parte. As características do Orkut acima descritas permitem sugerir que ele, em alguns momentos, funciona como uma espécie de panóptico, tal qual analisado por Foucault (2005b), já que no Orkut “o olhar” de todas/os sobre o que é detalhadamente descrito sobre si pode exercer uma vigilância sobre a

9. O fórum é a instância de debate de determinadas temáticas e consiste em uma das formas de participar efetivamente das comunidades do Orkut.

10. Cf. Deleuze, 1988.

juventude conectada, fazendo com que todas/os e cada um/a passem a observar a si mesmos/as, exercendo uma vigilância sobre e contra si próprios/as (cf. Foucault, 2004b). No Orkut, assim como no panóptico, cada um/a pode ser constantemente localizado/a, examinado/a (cf. Foucault, 2005b) e ter seu comportamento julgado. Trata-se de um dos “pequenos panoptismos” que constituem a sociedade contemporânea, “nenhum idêntico ao outro, todos eles situados num tempo, num espaço, numa ordem discursiva específica, aberta a uma minuciosa descrição” (Fischer, 2006, p. 70). Isso de modo a “marcar continuidades e discontinuidades, irrupções que misturam permanências e reviravoltas nas técnicas de ‘olhar o outro’” (ibidem).

Entretanto, no Orkut, qualquer um/a pode fugir a essa vigilância, escapar do olhar que examina e burlar a sua maquinaria. Seja criando perfis falsos – *fakes* –, seja omitindo informações sobre si ou simplesmente deletando seu perfil. Essa instabilidade e fluidez são características do pós-panoptismo, que se somam ao panoptismo e fazem do Orkut uma máquina mais eficaz de exercício do poder.

A exposição permanente de si, possibilitada pelo Orkut, é uma de suas marcas constitutivas, que exerce sobre as/os usuárias/os, ao mesmo tempo, fascínio e desconfiança. Se, por um lado, a possibilidade de vasculhar perfis alheios e descobrir *tudo* sobre alguém tem atraído muitas/os internautas, por outro lado, essa mesma possibilidade tem afugentado outras/os tantas/os, sob a alegação de que essa exposição pode ser perigosa e suscetível a ações criminosas. Há vários relatos, divulgados na mídia, de pedófilos e outros/as criminosos/as que utilizam informações existentes na internet de maneira geral, e mais especificamente no Orkut, para praticar seus delitos.

A visualização permanente faz parte da maquinaria do Orkut e pode ser controlada pela/o usuária/o. Isso porque o nome de cada orkuteira/o que visualizou determinado perfil pode ficar registrado, ou não, de modo a “*dedurar*” a/o visitante. Assim, qualquer um/a pode ficar sabendo quem acessou seu perfil, quem visualizou suas informações, quem observou seus recados, fotos, vídeos, etc. Quem não quiser ser “*dedurada/o*” pode configurar seu perfil de modo a não exibir a visualização. Nesse caso, porém, a/o usuária/o também não é notificada/o a respeito das/os visitantes que recebeu, como pode ser visto no seguinte alerta dado a quem desabilita o identificador: “Observação: Ao desativar as visualizações de perfil, você não verá mais quem visita o seu perfil, e os outros usuários TAMBÉM não verão as visitas que você fizer ao perfil deles”¹¹.

O panoptismo, nesse caso, exerce-se de modo intenso. A *espionagem* não é imediatamente verificável, mas as/os orkuteiras/os têm a certeza de que sempre

11. Disponível em: <<http://www.orkut.com>>.

podem ser *espiadas/os*, *vigiadas/os*, *julgadas/os* e *classificadas/os*. Há, portanto, o risco de ser surpreendida/o, e é essa possibilidade que atua na regulação das condutas. É o exercício do poder disciplinar de maneira intensa, permanente e constante. Esse poder é — por sua discricção, incidência silenciosa e onipresença — extremamente eficaz. É um tipo de poder envolvido no processo de subjetivação juvenil. Subjetivação é aqui entendida como

os efeitos da composição e recomposição e forças, práticas e relações que tentam transformar — ou operam para transformar o ser humano em variadas formas de sujeito, em seres capazes de tomar a si próprios como sujeitos de suas próprias práticas e das práticas de outros sobre eles (Rose, 2001, p. 143).

Nessa perspectiva, o poder disciplinar atua de modo a produzir subjetividades de tipos específicos, posicionadas de certas formas, situadas em determinados locais e que vivenciam o tempo de certo modo. Esse poder atua, portanto, sobre as ações da juventude conectada.

Por um lado, a maquinaria do Orkut funciona como uma espécie de dispositivo panóptico, o qual age de modo a “impor uma conduta qualquer a uma multiplicidade humana qualquer” (Deleuze, 1988, p. 43). O panoptismo visa sujeitar as condutas, pois

quem está submetido a um campo de visibilidade, e sabe disso, retoma por sua conta as limitações do poder; fá-las funcionar espontaneamente sobre si mesmo; inscreve em si a relação de poder na qual ele desempenha simultaneamente os dois papéis; torna-se o princípio de sua própria sujeição (Foucault, 2005b, p. 168).

Por outro lado, o Orkut não opera exclusivamente com o poder disciplinar e o panoptismo; afinal, eles não são suficientes para dar conta do processo de produção das subjetividades da atual configuração social. O ciberespaço e toda sua conectividade, velocidade, fluidez e deslocamentos parecem evocar também a ação de um poder extraterritorial, em um modelo “sinóptico”, como sugere Thomas Mathiesen (apud Bauman, 2001), em que o espetáculo substitui a supervisão, sem deixar de disciplinar as condutas. Nesse modelo, a obediência às normas e aos padrões tende “a ser alcançada hoje em dia pela tentação e pela sedução e não mais pela coerção” (Bauman, 2001, p. 101). Ainda, segundo Mathiesen (apud Monteiro, 2007, p. 29), “as estruturas do panóptico e do sinóptico, precisamente juntas, desempenham funções de controle decisivas na sociedade moderna”.

Nas relações de poder pós-panópticas, as principais técnicas são “a fuga, a astúcia, o desvio e a evitação, a efetiva rejeição a qualquer confinamento” (Bauman, 2001, p. 18). Desse modo, são fabricados no Orkut vários escapes

às suas amarras e subversões à sua maquinaria. Uma delas é a criação de perfis fictícios, os denominados *fakes*, já mencionados aqui anteriormente, utilizados para visualizar perfis alheios, sem que a/o usuária/o seja descoberta/o. Outra possibilidade é não colocar nenhuma foto e deixar no perfil poucas informações sobre si, algumas bastante genéricas e superficiais. Além disso, muitas/os usuárias/os têm adotado a prática de apagar todos os seus *scraps* (recados), de modo a restringir as possibilidades de visualização de si. Algumas/alguns orkuteiras/os podem também postar nos fóruns das comunidades sem a identificação de seu perfil (quando a comunidade é formatada para aceitar postagens anônimas). Enfim, há todo um conjunto de técnicas acionadas para tentar escapar à vigilância e ao julgamento das condutas juvenis.

Divisão da juventude conectada

O panoptismo e o pós-panoptismo do Orkut proporcionam uma ampla visibilidade das/os jovens, as/os quais ficam permanentemente expostas/os a múltiplos olhares, à vigilância constante e à consequente regulação de suas condutas, demandando subjetividades ao mesmo tempo dóceis e flexíveis. A subjetivação juvenil é produzida de modo importante no Orkut, embora não se restrinja, de modo algum, ao ciberespaço. Ela é produzida também em diversas outras instâncias como, por exemplo, a igreja, os movimentos sociais, a televisão e a escola.

Se as/os jovens estão no Orkut, elas/as também estão na escola. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE – de 2005, 81,7% da população entre 15-17 anos frequenta a escola¹². Assim, podemos dizer que, por um lado, a juventude orkuteira está no ciberespaço, vivendo experiências cibernéticas, experimentando novas e inusitadas conexões, produzindo a cibercultura. Por outro lado, ela está também na escola, vivendo as práticas curriculares; percorrendo séries e graus do ensino; atingindo supostos níveis de desenvolvimento; alcançando certas etapas; cumprindo ou transgredindo normas e regimentos; almejando ascensão social. Em ambos os locais, a juventude está construindo conhecimentos; aprendendo condutas, valores e comportamentos; experimentando diversas práticas de sociabilidade; divertindo-se ou indignando-se. É claro que as/os jovens estão lá e cá, elas/es encontram formas de fazer esses espaços econtrarem-se onde e como podem. Se a escola proíbe a entrada do Orkut em seu interior¹³, então a escola é falada, avaliada, comentada e discutida no Orkut. Assim, a escola e o currículo vêm

12. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 08 jan. 2007.

13. Um exemplo dessa proibição pode ser visto no episódio descrito a seguir, observado em uma escola pública de Ensino Médio.

sendo muito debatidos nas comunidades do Orkut. Ali se encontra uma multiplicidade de comunidades que têm por objetivo exatamente debater sobre a escola e o currículo. Essas comunidades têm títulos como: “Amo a escola, odeio estudar”; “Amo estudar”; “Odeio estudar”; “Eu amo a minha escola”; “Escola é legal, chato é estudar”; “Eu adoro zuar na escola”; “Inteligente não, eu estudo”; “Escola, única droga que não vicia”; “Odeio quem puxa saco de professor”; “Odeio professor chiliquento”; “Todo professor merece o céu”; “Meu professor comprou diploma”; “Eu amo meu professor”; “NO escola, YES net”; “Vou na aula só pra ver os amigos”; “Estudar pra quê?”, etc.

Nessas comunidades, a enunciação¹⁴ recorrente é de que o Orkut é uma inocente “diversão” e, principalmente, uma espécie de “válvula de escape”, uma forma de “desabafar” diante das insatisfações com a escola, o currículo e/ou as/os docentes. O que se vê nos discursos que lá circulam é uma série de tipificações que classificam as maneiras de as/os jovens se portarem.

As comunidades do Orkut funcionam como um “aparelho de escrita” que, por meio de técnicas de anotação, registro e conversa teclada, institui toda uma série de categorias e padrões normativos da conduta juvenil em relação à escola. Os discursos que lá circulam utilizam uma gama de códigos que homogeneízam as condutas e acabam por exercer formas coercitivas de controle dos gestos e dos comportamentos juvenis. O ato de escrever sobre si, entretanto, não leva apenas ao disciplinamento das condutas; afinal, “escrever é lutar, resistir; escrever é vir-a-ser” (Deleuze, 1988, p. 53). Ao escrever detalhadamente seus gostos, suas preferências, o que ama e o que odeia, a juventude conectada também vai se contrapondo ao poder que tenta sujeitá-la e discipliná-la. Fazendo isso, a juventude desliga-se do que é para ela planejado e efetua “outros tipos de ligação, de composição, de solidariedade, de solicitude, outras maneiras de associar-se, agenciar-se e de subjetivar-se, longe dos assujeitamentos instituídos” (Pelbart, 2000, p. 20).

Episódio do currículo escolar: aula de informática – 1º ano do Ensino Médio

Enquanto o professor conferia as notas de cada aluna/o em sua mesa, pelo menos seis delas/es usavam o Orkut. Em seguida, o professor começa a dar aula, usando a projeção de um *data-show*, sobre a atividade de programação de computação. Então ele vira para Aurélio (15 anos) e ordena: “*Pode sair desse Orkut!*”. Arthur (14 anos) então pergunta: “*Fessô, cê tem Orkut?*”, ao que ele responde: “*Eu sou um cara ocupado!*”. A aula continua, Ana (16 anos) e Arthur permanecem usando o Orkut, mas o professor parece não perceber.

Após essa aula, já no recreio, três alunas/os de outra turma entram no laboratório e começam a usar o Orkut. O professor reclama: “*Orkut, tem que tirar isso do ar!*”. As/os alunas/os reagem: “*Não, fessô!*”.

Meses depois o acesso ao Orkut foi bloqueado eletronicamente na escola.

14. A enunciação é um acontecimento que não se repete, tem uma singularidade situada e datada, “há enunciação cada vez que um conjunto de signos for emitido” (Foucault, 2005a, p. 114).

O discurso das comunidades do Orkut é heterogêneo, composto por enunciações variadas que entram em competição nos fóruns das comunidades que tratam da escola. Há inúmeras discordâncias entre os membros das comunidades, principalmente quanto à classificação de determinada escola, prática curricular ou professor/a. Nesse caso, os argumentos utilizados para defender as diferentes opiniões são descontínuos, ora apontam para uma aprovação, ora para uma reprovação veemente quanto à temática em discussão. Essas disputas são, às vezes, bastante ofensivas e chegam a instaurar certo caos nos fóruns.

Na comunidade “Eu odeio estudar”, a oposição aos estudos é narrada de diferentes modos no fórum. Há, por exemplo, um tópico solicitando aos membros que descrevam a escola em três palavras. De julho de 2005, quando foi criado, até janeiro de 2007, esse tópico teve 688 *posts*¹⁵. Esse número é bastante expressivo no contexto do Orkut e revela que o tema é bastante incitante para os membros da comunidade. Lá é possível ver a escola descrita como “*muito ruim*”, por meio de inúmeros palavrões e também por termos como “*perda de tempo*”; “*chata*”; “*nojenta*”; “*horrorosa*”; “*cansativa*”; “*lixo*”; “*a pior coisa*”; “*tédio*”; “*porcaria*”; “*irritante*”; “*sem graça*”; “*idiotice*”; “*revoltante*”; “*insuportável*”; “*tosca*”; “*estresse*”; “*ditadura capitalista*”; “*prisão*”; “*tortura*”; “*escravidão*”; “*quartel*”; “*inferno*”; “*um tremendo hospício*”.

A escola é descrita como um local desprezível e irrelevante, o qual restringe a tão sonhada liberdade: afinal, aprisiona, tortura e escraviza. É ainda um lugar de regras muito rígidas, de muito controle e disciplina, como um “*quartel*”. É também um espaço conturbado, caótico e confuso, proporcionando uma vivência semelhante à que se imagina em um inferno ou hospício. A vigilância e a disciplina escolar não só são identificadas pelas/os jovens, como são contestadas, apesar de toda a sua força.

Essa força é sentida quando é possível encontrar, mesmo na comunidade de quem odeia estudar, raras definições que contrariam o primeiro grupo, e descrevem a escola como uma instituição, de algum modo, importante: “*Sabedoria para sempre*”; “*pra quem quer*”; “*um lugar agradável, de convivência entre irmãos*”; “*tudo de bom*”; “*escola é muito bom para desenvolver o raciocínio*”; “*ruim, mas importante*”; “*chata, mas melhora nosso futuro*”.

Isso mostra como o discurso do Orkut é heterogêneo, como se travam verdadeiros duelos nas comunidades, como as relações de poder são ali engendradas. Nesse discurso são acionadas diferentes estratégias para conduzir as condutas juvenis, para torná-las/os “*sujeitos de um tipo específico*” (Paraíso, 2006, p. 100). Nem mesmo todo esse investimento na produção das subjetividades é capaz de garantir a produção do tipo de jovem demandado “*porque os efeitos*

15. Resposta ou comentário de um membro a respeito do tema tratado em determinado tópico.

de um discurso são também sempre múltiplos, heterogêneos e variados” (ibidem). Então, mesmo na comunidade feita para aquelas/es que odeiam a escola, é possível encontrar também *ditos* que reiteram a força, o valor e a importância da escola para a vida das/os jovens.

A heterogeneidade, no entanto, não se restringe ao Orkut. A juventude conectada está em contato com diferentes discursos, que circulam nos mais diversos meios, em que são divulgadas outras formas socialmente aceitas e valorizadas de conduzir a vida. As demandas do discurso do Orkut disputam espaço e *status* de verdade com outras demandas de outros discursos endereçados à juventude.

No que se refere especificamente às matérias curriculares, tanto nas comunidades daquelas/es que amam, como das/os que odeiam estudar, há tópicos sobre as matérias mais amadas e também as mais odiadas. Os motivos apontados são diversificados e podem ser agrupados da seguinte forma: Critérios para amar uma matéria: ser “*fácil, simples, interessante*”, por gostar do/a respectivo/a professor/a. Critérios para odiar uma matéria: ser “*difícil, chata, inútil, insignificante*”, por ter que “*decorar; a professora nunca aceita a nossa opinião; professora é chata; professora não sabe explicar*”.

Mesmo entre as matérias curriculares odiadas, percebe-se um discurso que toma o currículo como algo pronto, dado, necessário, o qual deve ser no mínimo aceito, sob a justificativa de que aquelas matérias, e também a escola como um todo, são imprescindíveis para uma vida melhor, para garantir um emprego decente, um futuro digno e contribuir para o desenvolvimento do País. Esse discurso não é exclusivo do Orkut; aliás, Paraíso (2007) discute como esse tipo de enunciação circula em várias outras instâncias sociais, com o propósito de governar a população. A autora mostra como esses discursos estão presentes na mídia educativa, nos projetos de governo, nas campanhas publicitárias, etc. e versam sobre os modos a partir dos quais os indivíduos devem conduzir-se, a fim de garantir a escolarização de todas/os e o conseqüente progresso da nação.

Esse discurso não se impõe de modo homogêneo à juventude conectada. Mesmo repetindo-se em diversos meios, o discurso de que a escola é fundamental é vigorosamente contestado. Há no Orkut uma série de comunidades com inúmeras/os usuárias/os dispostas/os a declarar seu ódio à escola. A enunciação de que a escola é “*insuportável*”, que o currículo escolar é “*inútil*” e de que as/os professoras/es são arbitrarias/os e injustas/os está multiplicada em várias formas pejorativas de expressar o “*ódio*” pela escola. Esse ódio demanda um tipo de conduta por parte das/os estudantes: a “*bagunça*”, a “*zooção*” ou a transgressão por meio de várias práticas como “*matar aula; jogar truco ou dormir na sala; explodir a escola*”, ou ainda “*matar professoras/es e diretoras/es*”. Nesse discurso é possível perceber a produção da/o jovem denominada/o *vagabunda*/

o, rebelde e indócil, que até gosta da escola, mas odeia estudar. Não gosta do currículo e detesta as/os professoras/es. Essa/e jovem é popular na escola, diverte-se muito, namora bastante e tem inúmeras/os amigas/os.

A subjetividade vagabunda é produzida em oposição à escola e a todas as suas regras. Regras baseadas em normas que incidem diretamente sobre as condutas juvenis. Essa subjetividade é engendrada nas relações de poder estabelecidas na escola e configura-se na luta de parte da juventude contra o disciplinamento. Para isso, as/os vagabundas/os criam outras formas de conduzir-se e evidenciar que odeiam estudar!

Mas o sujeito vagabundo não odeia apenas estudar. Odeia também o sujeito *nerd*, aquele descrito como “*antissocial, que não passa cola, que puxa saco de professor/a, que só pensa em tirar notas altas, não namora, é enalhado, não tem vida sexual, é gay, impopular e não vive a vida*”. A/o jovem *nerd* é tão inteligente que considera os demais seres como inferiores, “*babacas, infantis, otárias/os*”. A conduta desta/e é apresentada como individualista, reservada, introspectiva. Ela/e se isola do convívio social¹⁶ para atirar-se nos estudos e nas pesquisas. O sujeito *nerd* produzido no discurso do Orkut é odiado não apenas pelas/os vagabundas/os: sua construção é de tal modo estereotipada e pejorativa que é comum causar aversão até mesmo nas/os jovens estudiosas/os, as/os quais se defendem do rótulo de *nerd* em comunidades do tipo: “Inteligente sim, *nerd* não”.

Nesse mesmo discurso são produzidas outras subjetividades que podem entrar em disputa com as acima descritas. Entre esses dois polos opostos (vagabundas/os *versus nerds*) é produzida uma espécie de “terceiro termo” (Cohen, 2000), a subjetividade CDF. Essa/e jovem estuda bastante e gosta disso, ou é apenas *inteligente* e, mesmo sem isolar-se do mundo para estudar (o que seria um comportamento *nerd*), tem excelente desempenho na escola, tira boas notas e *se garante*. Por isso, muitas vezes, chega a ser invejada/o pelas/os colegas. Também é admirada/o por elas/es e pelas/os próprias/os professoras/es. A/o CDF é descrita/o como “*consciente, crítico/a*”, tem “*cabeça boa*”, certamente terá um bom emprego e se “*dará bem*” na vida. Ela/e se conduz de modo a cumprir as exigências escolares, faz as atividades, comporta-se bem em sala e tem um bom relacionamento com as/os professoras/es.

Nerds, vagabundas/os, CDFs e outras juventudes narradas, exibidas e vigiadas na maquinaria do Orkut definem modos específicos de viver o universo juvenil-escolar. Modos que correspondem a respectivas formas de conduzir-se e funcionam como mecanismo de contestação e também disciplinamento da ju-

16. Aqui o isolamento parece referir-se ao convívio face a face; afinal, as/os *nerds*, no mínimo, estabelecem redes de convívio social no Orkut, onde duelam com as/os vagabundas/os.

ventude conectada. Para isso, o Orkut aciona técnicas como a autonarração na criação do próprio perfil e a criação de alianças via participação das comunidades.

As operações exercidas pela/o jovem sobre si mesma/o no Orkut atuam na produção de determinados modos de a juventude conduzir sua vida. Esses modos, no entanto, não são coerentes entre si. Ou seja, os tipos de comportamentos demandados às/aos jovens estudantes podem entrar em conflito uns com os outros. Então, ser jovem pode ser descrito por meio de condutas antiescola, assim como por condutas pró-escola. Além das demandas diferentes no próprio discurso do Orkut, é importante salientar que as/os jovens não são “sujeitos unificados” (Paraíso, 2006, p. 110). Pelo contrário, elas/es “vivem suas vidas em constante movimento entre diferentes práticas, as quais as/os subjetivam de diferentes maneiras” (ibidem, p. 111). O discurso do Orkut, os exercícios proporcionados por sua maquinaria, disputarão espaço com outros discursos na definição dos modos como as/os jovens devem ser, agir e viver. Além disso, o Orkut posiciona a juventude no tempo e no espaço, de modo a docilizá-la e a intensificar o poder da escola, como discutiremos a seguir.

Distribuição da juventude no tempo e no espaço

Quando, nas comunidades das/os que odeiam estudar, os *nerds* e os CDFs defendem a escola e também as/os participantes das comunidades destinadas àquelas/es que amam estudar, a escola é sempre descrita como única forma de fazer com que a/o jovem seja “alguém na vida”, como garantia de um “futuro melhor”, um “bom emprego”, uma vida “profissional de sucesso”, visando o “desenvolvimento do País”. A força da escola está no tempo futuro. Toda a argumentação favorável aos estudos é construída em torno da enunciação de que *só a escola é a garantia de um futuro digno*. Esse *dito* está multiplicado em diversas enunciações que circulam em várias comunidades do Orkut que tratam da escola.

Nesse caso, as alianças construídas entre jovens, via adesão às comunidades, constituem uma rede flexível. Mesmo nas comunidades criadas por aquelas/es que odeiam estudar e se opõem à escola, ao disciplinamento imposto e à normalização das condutas, há um discurso que reitera a validade da escola, baseado na “verdade” de que ela é a única garantia de um futuro de sucesso. Esse discurso acaba gerando um desequilíbrio nas comunidades, ao mesmo tempo que reorganiza as relações de poder entre juventude e escola. Ou seja, a juventude que se opõe à escolarização, que não se curva às normas disciplinares, que não se conduz como ditam as regras, certamente será penalizada com um futuro de fracasso. Essa possibilidade de penalização atua no disciplinamento de toda a juventude conectada.

Nas comunidades daquelas/es que declaram seu amor pelos estudos, a relação estudo-futuro é assim narrada:

estudar é uma coisa mto necessária para a formação de um futuro profissional; nosso futuro se espelha em estudar! Se a gente não estudar, o que vai ser da gente quando ficar maior?; O futuro de alguém que estuda: se formar, ter sua faculdade. Seu emprego, tudo do bom e do melhor; amo estudar pois dele depende nosso futuro de certa forma !!!; Hoje em dia quem ã estuda, ã terá futuro; as pessoas q gostam de estudar pq querem um futuro pela frente; estudando ... isso é maravilhoso vc pensar q vai ter um futuro pela frente e vai ter seu emprego.

A enunciação que associa a educação à garantia de um futuro melhor pertence a um regime de verdade¹⁷ que aponta sucesso profissional e financeiro como consequência direta, certa e garantida de quem estuda com dedicação, esforço e afincos. Esse dito também se relaciona a outro que afirma que “a educação é o futuro da nação”. Ambos se juntam para constituir a verdade de nosso tempo, em que “a educação é tudo!” (cf. Paraíso, 2007, p. 71-72). Isso circula não apenas no ciberespaço, mas nas políticas educacionais, nos currículos oficiais, na televisão, no rádio, no jornal, nas revistas e coloca-se como verdade irrefutável.

Se a educação é o futuro da nação, e esse mesmo futuro é destinado à juventude, ela deve sujeitar-se às normas sociais ensinadas e controladas pela escola, ser absolutamente dócil e comportar-se de acordo com as condutas adequadas. O poder disciplinar da escola é intensificado por meio do discurso das comunidades do Orkut, o qual é exposto a múltiplos olhares alertas e vigilantes do ciberespaço. Uma vigilância permanente, por meio de uma espécie de panoptismo – com novas feições (Veiga-Neto, 2008) – e de toda a fluidez, velocidade e conectividade do ciberespaço, que deixam amplamente visível a juventude conectada.

As relações de poder postas em funcionamento nas comunidades do Orkut produzem “efeitos de verdade”¹⁸ que fixam a validade da escola em todos os lugares e para todos os indivíduos, como uma necessidade universal. Como sugere Veiga-Neto (2000), a respeito da proclamada necessidade de escolarização, “o que está em jogo é a questão da própria sobrevivência da escola como a principal instituição capaz, em termos gerais, de promover a socialização e, em termos específicos, de contribuir para uma maior justiça social” (p. 10).

17. Segundo Foucault (2004a), “cada sociedade tem seu regime de verdade, sua ‘política geral’ de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros” (p. 12).

18. Cf. Foucault, 1999.

Apesar da força desse regime de verdade e do poder disciplinar da escola, acontecem escapes, vazamentos, e há outros poderes que refutam essas verdades, dão-lhes as costas, quebram sua rigidez e fazem emergir outras formas de viver e garantir seu futuro. Contudo, romper com essa verdade significa ser transformada/o em monstro, uma espécie de alienígena. Significa ser “a/o vagabunda/o”, apresentada/o como um/a fora da lei, que – como uma espécie de punição – será relegada/o a posições e profissões desprestigiadas na sociedade. À juventude, que odeia estudar e se comporta “inadequadamente”, é destinado um futuro indigno, o que contribui para o atraso do País. Nesse caso, o abominável não é mais o *nerd*.

A construção discursiva do monstro-alienígena-vagabundo que não ama estudar é feita, na cibercultura, de modo a construir fronteiras rígidas que não devem ser transpostas. Assim, a monstrosidade serve como uma forma de ensinar a todas/os as/os jovens como comportar-se para não serem acusados de monstros, os seres abjetos que não terão um futuro. Essa criação da monstrosidade é, ao mesmo tempo, repulsiva e atraente (cf. Cohen, 2000). É repulsiva pelo seu caráter negativo. Afinal, a ideia de não ter um futuro, de ser relegado a posições inferiores na sociedade ou de ser responsável pelo atraso do País parece assustadora. Mas é também atraente pela liberdade evocada de a/o jovem não se dobrar ao regime de verdade de nosso tempo; pelo caráter transgressor de negar a importância dos estudos, de opor-se ao disciplinamento das condutas; e pela possibilidade de escapar das amarras discursivas que tentam impor a escolarização como única forma de alcançar o sucesso na vida.

De todo modo, o panoptismo e o pós-panoptismo do Orkut somam-se na tarefa de reafirmar a escola como uma instituição crucial para a sociedade contemporânea. Isso porque, se o poder disciplinar – característico da escola¹⁹ – não é suficiente para produzir sujeitos dóceis, é necessário acionar outras técnicas como controle. Este demanda visibilidade e “uma ação continuada, infinita de registros e armazenamento” (Veiga-Neto, 2008, p. 146), amplamente postos em funcionamento pela maquinaria do Orkut. O Orkut disponibiliza uma espécie de banco de dados sobre a juventude conectada; este divulga uma série de informações amplamente acessíveis ao julgamento e à classificação das condutas e pode atuar sobre a produção das subjetividades juvenis.

Conclusão

No discurso de algumas comunidades do Orkut que tratam da escola, produzem-se formas de a juventude comportar-se, modos de conduzir-se perante

19. Cf. Foucault, 2005b.

o currículo e maneiras de relacionar-se com os pares e, principalmente, com docentes e dirigentes escolares. Formas fabricadas por meio da máquina de ver/aparelho de escrever: Orkut. A maquinaria do Orkut constrói certos tipos de subjetividade juvenil, em meio a intrincadas relações de poder, as quais classificam e categorizam modos possíveis de portar-se, modos que variam da oposição até a sujeição ao poder disciplinar.

As relações de poder engendradas no discurso do Orkut promovem disputas, resultando em heterogêneos “modos de existência” juvenis. Nesses discursos é construída/o a/o jovem vagabunda/o, que odeia estudar, que considera o currículo *inútil*, que só vai para escola para *zuar* e, por isso, será uma/ um fracassada/o no futuro. É produzida/o a/o jovem *nerd*, aquela/e que só pensa em estudar, que *puxa saco* das/os professoras/es e que não ajuda as/os colegas, mas que tem a garantia de um futuro digno. É fabricada/o também a/o jovem CDF, que se dá bem com colegas e professoras/es, é bem-sucedido na escola e, como o *nerd*, certamente terá um futuro brilhante. O poder disciplinar divide a juventude conectada entre vagabundas/os, *nerds* e CDFs, de modo a posicioná-las/os de forma distinta no tempo e no espaço futuros.

Na contemporaneidade, em que “onipresente controle tecno-social tornou-se nosso novo meio-ambiente” (Perbart, 2000, p. 15), o Orkut configura-se como um importante artefato que disponibiliza determinadas técnicas para a produção de juventudes de certo tipo. Entretanto, todo esse investimento na produção das subjetividades juvenis não garante a formação de um tipo específico de jovem, pois os efeitos do exercício do poder não estão garantidos, já que há, concomitantemente, uma incessante produção de “linhas de fuga” (ibidem, p. 14), escapes e subversão do que é planejado. Desse modo, no discurso do Orkut são demandados modos de ser e viver a juventude que podem entrar em conflito entre si. E, para ser autenticamente jovem, pode ser exigido que a juventude conectada aja como *nerd*, como CDF ou como vagabunda.

Em síntese, o panoptismo, o pós-panoptismo do Orkut e a permanente visibilidade que promovem da juventude conectada na cibercultura multiplicam o poder disciplinar, ao tentar vigiar, controlar e docilizar o comportamento juvenil. A maquinaria do Orkut pode atuar, ainda, na intensificação do poder exercido pela escola e em sua validação, por meio do discurso de que a educação é a única garantia de um futuro de sucesso. Afinal, como sugere Rocha (2006), “se a lógica disciplinar (e todos os dispositivos que utiliza) não dá conta da complexidade do mundo atual e suas maquinarias, nada melhor que utilizar outras inovações para manter o maior número possível de docilizados, controlados e confinados nos espaços escolares” (p. 82).

Referências bibliográficas

- BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- CINTRA, H. J. M. Dimensões da interatividade na cultura digital. Dissertação (Mestrado) — PUC, São Paulo, 2003.
- COHEN, J. J. A cultura dos monstros: sete teses. In: SILVA, T. T. *Pedagogia dos monstros – os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 23-60.
- DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. *Revista Brasileira de Educação*, Campinas, n. 24, p. 40-52, 2003.
- DELEUZE, G. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- FISCHER, R. M. B. Técnicas de si e tecnologias digitais. In: SOMMER, L. H.; BUJES, M. I. E. (Org.). *Educação e cultura contemporânea: articulações, provocações e transgressões em novas paisagens*. Canoas: Ulbra, 2006. p. 67-76.
- FOUCAULT, M. Verdade e poder. In: MACHADO, R. *Microfísica do poder*. 20. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2004a. p. 1-14.
- FOUCAULT, M. O olho do poder. In: MACHADO, R. *Microfísica do poder*. 20. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2004b. p. 209-227.
- FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005a.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 2005b.
- GARBIN, E. M. Cultur@as juvenis, identid@ades e internet: questões atuais. *Revista Brasileira de Educação*, Campinas, n. 23, p. 119-135, maio/jun./jul./ago. 2003.
- GREEN, B.; BIGUM, C. Alienígenas na sala de aula. In: SILVA, T. T. (Org.). *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 208-243.
- LÉVY, P. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.
- MONTEIRO, E. Imagens e transparências. *Comum*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 29, p. 56-72, jul./dez. 2007.
- PARAÍSO, M. A. Política da subjetividade docente no currículo da mídia educativa brasileira. *Educação e Sociedade*, v. 27, n. 94, p. 91-115, jan./abr. 2006.
- PARAÍSO, M. A. *Currículo e mídia educativa brasileira: poder, saber e subjetivação*. Chapecó: Argos, 2007.
- PELBART, P. P. *A vertigem por um fio: políticas da subjetividade contemporânea*. São Paulo: Iluminuras, 2000.
- ROCHA, C. M. F. As “novas” tecnologias e o(s) dispositivo(s) de controle. In: SOMMER, L. H. BUJES, M. I. E. (Org.). *Educação e cultura contemporânea: articulações, provocações e transgressões em novas paisagens*. Canoas: Ulbra, 2006. p. 77-91.

ROSE, N. Inventando nossos eus. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Nunca fomos humanos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 137-204.

SARAIVA, K. Blogs, flogs, MSN, Orkut, a emergência da cibernética traz uma nova forma de pensar. *Cadernos IHU em formação*, São Leopoldo, n. 10, p. 25-29, 2006.

SILVEIRA, R. M. H. Identidades para serem exibidas: breve ensaio sobre o Orkut. In: SOMMER, L. H.; BUJES, M. I. E. (Org.). *Educação e cultura contemporânea: articulações, provocações e transgressões em novas paisagens*. Canoas: Ulbra, 2006. p. 137-150.

SPOSITO, M. P. Considerações em torno do conhecimento sobre juventude na área de educação. In: SPOSITO, M. P. (Coord.). *Juventude e escolarização (1980-1998)*. Brasília: MEC; Inep; Comped, 2002. p. 7-34.

VEIGA-NETO, A. Espaços, tempos e disciplinas: as crianças ainda devem ir à escola? In: AVES-MAZZOTTI, A. J. et al. *Linguagens, espaços e tempos no ensinar e aprender*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p. 09-20.

VEIGA-NETO, A. Crise da modernidade e inovações curriculares: da disciplina para o controle. *Sísifo — Revista de Ciências da Educação*, Lisboa, n. 7, p. 141-150, set./dez. 2008.

Recebido em 26 de junho de 2007 e aprovado em 13 de novembro de 2009.